

A DEMOCRACIA

ORGÃO REPUBLICANO



REDACÇÃO 32 Rua Gonçalves Dias 32	RIO DE JANEIRO, 22 DE JULHO DE 1887	ADMINISTRAÇÃO 32 Rua Gonçalves Dias 32
ANNO II	Publica-se tres vezes por mez	N. 33

EXPEDIENTE

Anno. 6,000

A NOSSA PROPAGANDA

Por motivos justissimos o nosso compa-
nheiro sr. Eugenio Augusto Piatto inter-
rompeu a sua viagem de propaganda d'este
periodico, depois de ter durante tres mezes
percorrido uma parte da provincia de Minas.

Assumindo de novo o seu lugar ao nosso
lado, cumpramos agradecer aos nossos col-
legas e correligionarios d'esta provincia a
gentileza e fina cortesia com que foram rece-
bidos A Democracia e o seu representante.

Rio, 22 de Julho de 1887.

CHRONICA POLITICA

Já fallaram os abonados.

O governo é dos endinheirados, ou dos
trapaceiros; para que occupar-nos com as suas
traições?

Está bem visto que nenhum dos tres votados
representa a opinião collectiva. As cousas
porém passaram-se de modo a provar mais uma
vez que a nação está entregue á cabala des-
enfreada e ás manobras de cousados fan-
tantes.

Causa dó contemplar-se que quando mais
urgem as circumstancias, quando assoma de
toda a parte, fervido e irrepressivel, o anhelito
para uma transformação radical, quando ao
proprio tempo se libram sobre nossas cabeças
catastrophes madonhas, ainda medrem as mul-
titudes e sobesaliam os prototypos do ob-
securantismo!

Quem se não sentir compungido diante do
espectaculo que assistimos pela representação
do *steepie-chase* senatorial, achar-se-ha talvez
inclinado a soltar gargalhada homérica pelos
chistosos incidentes da encenação.

Podiamos comparar o partido liberal ao sabio
burrico de circo e o sr. Malvino ao clown.
Quanto mais se esforçava este ultimo em dou-
trinar o seu apreciavel quadrupede, mais
couceas e crecovos desferiam os ares.

Quanta dedicação e quantos sacrificios para
tão ruim causa!

Tivesse verdadeira democracia um campeão
denodado como o sr. Malvino, outros hori-
zontes sorriam ao futuro da patria. Mas a
espontaneidade de acção, o ardente enthu-
siasmo em prol de umas tantas idéas, pois essa
justiça lho fazemos — a da pureza de intenções,
o devotamento leal e desinteressado, mere-
ceram, subemol-o, a condemna e até apodos in-
sultantes dos coripeus e figurantes de seu
partido!

Continue o sr. Malvino a fornecer milho
sob forma de circulars, discursos, offertas
paciuniaras para levar avante qualquer empre-
hendimento; que o pago lhe será dado na pro-
porção da amostra que acaba de obter no ultimo
certamen.

Um lado sympatico e edificante teve, contudo,
a comedia eleitoral e esse consistio na manifes-
tação honrosa com que se distinguio ao mare-
chal Deodoro da Fonseca. Os mil e tantos votos
que o acclamaram, sem que precedessem con-
cluioes nem propaganda de especie alguma, n'um
meio deletereo como o d'esta capital onde só vi-
cajam os empregados publicos, representam ou-
tras tantas consciencias convictas e esclarecidas
que levantam um solemne protesto contra a
torpe dictadura exercida pelo chronico bachare-
lismo dos governantes.

Ora, se no espaço de poucos dias essa candi-
datura inesperada progredio tanto; o que não
seria dado esperar-se mediante uma direcção
intelligente, a arregimentação cordata e a con-
quista tenaz dos caracteres fracos, vacillantes,
incolores e assimilaveis?

Sempre o dissemos e repetimos: Existem
esparços sobejos elementos para a instauração
de um bom governo; falta somente aprovei-
tal-os, fazel-os convergir a um ponto e con-
stituir com elles a fete demolidor contra o pre-
sente estado de cousas.

Este plano é possivel; mas quando se reali-
sará?

Quando?

E. F. DE CANTAGALLO

A bella e rica provincia do Rio de Janeiro,
que alternadamente tem sido pupilla de um
chefe liberal e de outro conservador, quando
não constituem ambos o conselho de familia,
chegou ao extremo de andar pedindo dinheiro
empréstado para pagar os vencimentos dos
funcionarios publicos, e afinal desceu a tanta
miseria, que teve de metter em leilão o melhor
do seu patrimonio.

Console-se a pobre fidalga arruinada com a
honra de contar entre os seus protectores um
emulo de Byron e um novo Guizot, ambos em
brochura, todavia, e com as folhas por cortar.

Considere que rara fortuna é ser de tão perto
allumiada pelo esplendor da corte, e a quecida
pela regia munificencia, que infunde bravura
militar em pacatos róiros, subitamente co-
ronelizados, e com brasões, a preços pouco su-
periores aos de Lisboa, concede sangue azul á
mestiçagem apatacada.

Quanto ao mais... deixe correr o tempo,
que a terra é ubere, o sol providente e a chuva
creadora. Vide Ayres do Casal e os poetas ly-
ricos.

Bens de menores e interdictos são em todo
o imperio tratados pelo mesmo processo de
simplificação.

As casas dão renda exigua, são sujeitas
a imposto, correm os riscos do incendio e da
impontualidade dos inquilinos, exigem re-
paros. Vendem-se.

As apolices só dão 5 %; é incommodo re-
ceber juros de 6 em 6 mezes. São vendidas.

Movéis, creditos e o resto, seguem o mesmo
caminho.

Quando ha dinheiro, procede-se inversa-
mente: compram-se immoveis, titulos de ren-
da, etc.

Nada mais practico, nem mais lisongeiro ao
atilamento dos tutores e a condescendencia dos
juizes.

Assim foi com a provincia.

Outro dia provava-se a todas as luzes que
ella devia comprar umas estradas de ferro que
certos cidadãos desinteressados, e talvez simpli-
rios, estavam dispostos a ceder por preços ridi-
culos, a troco de dez reis de mel coado, ou de
rezas.

A assembléa provincial enrubeceu com a
idéa da jactura alheia, desculpou-se e protestou
que não queria abusar da occasião, e, depois
de muito palanfrorio, rendeu-se á senha.

Negocio da China foi aquelle: um ovo por
um real!

Para logo começaram os protectores da pro-
vincia a reflectir que os cofres estavam cheios
de penuria, e o deficit impava viçoso e amea-
çador.

Demonstrou-se então com argumentos irres-
pondiveis que a provincia não deve ser empre-
saria; que a sua administração ha de ser
sempre cara, improductiva e rotineira.

Ponderou-se que comprar é bom, mas
vender não é mau.

A Santo Antonio, o mais antigo capitão do
exercito, unico official que esteve sempre ao
lado do sr. Cotegipe, e que, embora seja gene-
ral das tropas portuguezas, e de alojamento a
um batalhão brasileiro, não exige dotação
como o duque de Saxe, e com ser frade não
pede alimentos para os filhos; ao invicto e
disciplinado Santo Antonio já houve quem
lembrasse a maxima: Quem é pobre não tem
vícios.

Não podiam as prerogativas da provincia
exceder ás do beato guerreiro.

Logo, devia-se vender a estrada de ferro de
Cantagallo.

Appareceu um comprador caipora, que
depois de laboriosas negociações ficou a ver
navios.

Appareceram depois a Companhia Leopoldi-
dina, filha dilecta e generosa constituinte de
alguns respeitaveis chefes politicos; o syndi-
cato cantagallense, e o eterno, o infallivel, o
insaciavel John Bull.

De primeiro veio um capitulo das aventuras
da Macahé & Campos.

Fallou o governo imperial em nome da es-
trada de Pedro II, cujos interesses não podem
ceder a pretensões provincianas.

Requereram vista dos autos uns conspicios
senadores, e o governo imperial deferio:
COMO PEDEM.

Tudo isso está de harmonia com o systema
que felizmente nos rege.

Capacidade administrativa temos para dar
e vender.

Comprehensão do que é provincial e do
que não, é com os nossos politicos e esta-
distas.

Tudo ia pelo melhor no melhor dos
mundos, quando apparece na imprensa o sr.
barão de Cantagallo, a quem não temos a
honra de conhecer, e faz umas revelações...
exquisitas. Exquisitas.

Diz o nobre barão que o presidente da pro-
vincia Rocha Leão, a quem igualmente não
temos a honra de conhecer, é todo pela com-
panhia Leopoldina, porque pretende ageitar
uma candidatura pela provincia de Minas
Geraes.

Assim o administrador da provincia do
Rio de Janeiro promoveria interesse pessoal
sen á custa dos cofres confiados á sua guarda.

O caso está previsto no codigo criminal, e
na linguagem vulgar tem classificação que o
nobre barão não desconhecera, mas que a sua
penna fidalga não costuma escrever.

Não se pense que a denuncia se explica
pelo despeito e emulação que a concurrencia
costuma gerar.

O barão é explicito. O syndicato canta-
gallense não pôe a mira no lucro. Quer
fazer uma pirraça aos mineiros da Leopoldi-
dina. Não é dos bahianos a Bahia? Porque
então a Cantagallo ha de servir de jogo a

tantos pretendentes que nada tem com a pro-
vincia do Rio?

O que nos causa magua é o barão deitar
na mesa todas as suas cartas, allegando que
empenhou-se com varios senadores e depu-
tados da situação para que o patriótico syn-
dicato cantagallense não fosse desviado do
louvavel sacrificio que com tanta esponta-
neidade pretendia consummar.

Era occasião de perguntar ao presidente se o
senado governa a provincia e administra os
seus interesses como quem manda trancar
notas militares.

A mais admiravel das revelações do barão
é que por trescentos contos tem quem lhe as-
segure a preferencia na compra da estrada. E
acrescenta com ingenua ferocidade não a-
creditar que o dinheiro seja para o presi-
dente!

Porque o sr. barão não declina o nome do
corretor? Era um dever de honra fazel-o.

Mas, que temos nós com todos esses ar-
ranjos, intrigas e desconchavos?

A provincia do Rio tem protectores que
farte, e vae á maravilha. O palacio da presi-
dencia não o venderá ella, porque... é de
aluguel.

ESTUDOS ECONOMICOS

LIBERDADE E CONCURRENCIA

EFFECTOS GERAES

A propriedade das faculdades se manifesta
pela liberdade do trabalho; a propriedade
dos productos pela liberdade da permuta.

A liberdade industrial e a liberdade com-
mercial, são pois consequencias directas da
liberdade individual, de uma lei primordial
que domina todas as leis convencionaes.

Nós gosamos da liberdade do trabalho, mas
espiritos estreitos maniacos, attribuem a esta
liberdade, uma parte dos males da sociedade.
A concurrencia causa-lhes horror!

Estamos ainda privados da liberdade com-
mercial, cujos effectos seriam os mesmos que
os da liberdade do trabalho. — Augmentaria
a concurrencia e preveniria os abalos, as cri-
ses frequentes que experimenta a industria.

Porque, estando abolido o privilegio do
trabalho, se conserva ainda embaraçada a
liberdade commercial?

E' o que vamos examinar, depois de esta-
belecermos os factos.

A liberdade de permuta nunca esteve inte-
iramente paralyzada.

Os effectos da divisão do trabalho eram
muito evidentes para que se pudesse pensar
em prohibir a um sapateiro de trocar sapatos
por camisas ou calças que elle não sabia
fabricar; mas, em todos os tempos restrin-
gio-se a permuta entre os habitantes de uma
provincia ou de um Estado e poz-se em in-
terdicção os productos das outras communs,
das outras provincias ou dos outros Estados.
O trabalho, ao contrario, era universalmente
regulamentado.

Ninguém tinha o direito de fabricar um
producto qualquer, sem uma autorização
especial, sem uma admissão ao mestrado.

Os homens estavam sujeitos á servidão; os
operarios ao jugo do mestre; e todos sentiam

a humilhação d'esta posição, tanto mais dura quanto, para se elevarem, careciam de recorrer à intriga, à dobreza, à submissão, acontecendo as mais das vezes, ser a ignorancia um titulo de merito.

Tão revoltantes eram os abusos do mestrado que bastou o primeiro choque da revolução de 1789 para derribal-o.

Outras são as peias commerciaes. O mal que ellas produzem divide-se de modo infinito e nem todos o conhecem. Longe d'isso, os privilegiados conseguem fazer crer ás massas que ellas são interessadas na manutenção das restricções, e aos governos, que estas são indispensaveis á actividade do trabalho.

A collecção das leis restrictivas tem o nome illusorio de *systema protector*.

Out'ora as restricções se estendiam de communa a communa, ou, pelo menos, de provincia a provincia.

A superficie do mundo civilizado estava coberta de individuos que se oppunham á circulação dos productos, ou que exigiam um fóro para autorisal-a.

Percebeu-se por fim, que todos esses individuos, viviam á custa dos que trabalhavam, os quaes prestavam muito mais serviços.

Comprehendeu-se que em um Estado, cada provincia possuia riquezas naturaes, das quaes era possivel fazer gosar toda a nação.

Assim, umas são ricas de mineraes e outras de cereaes.

Prohibida a troca d'esses productos, privava-se cada provincia do gozo de certas riquezas naturaes e forçava-se a que reciprocamente ellas deixassem enterradas ou perdidas aquellas de que não podiam dispôr.

D'esse systema de restricções interiores restam ainda alguns vestigios nos *octrois* das cidades europeas e nos nossos direitos provinciaes.

Mas o que se comprehendeu para as permutas interiores, recusa-se obstinadamente a applicar ao commercio internacional, tão bem caracterisado por um economista inglez: a divisão territorial do trabalho.

A natureza não conhece essas mesquinhas divisões do globo em nações, divisões caprichosas que se modificam a cada choque brutal da força armada. A Providencia repartio seus dons sobre toda a superficie da terra como se ella fosse habitada por irmãos; variou os productos do solo e as proprias faculdades do homem segundo os climas. A riqueza geral torna-se tanto maior quanto melhor fór o partido tirado das riquezas naturaes da aptidão tão variada dos homens.

Porque e como as differentes nações põem obstaculos á liberdade do commercio, são dous pontos importantes que vamos estudar em subsequentes artigos.

G. C. M.

NOTAS

PESAMES

O nosso amigo Candido Luiz de Andrade passou pelo doloroso transe de perder sua gentil filha: Marieta, de onze annos de idade. Aceita os nossos sinceros pesames.

Entre Conservadores

Devemos uma reparação ao illustre sr. Andrade Figueira.

Quando dissemos que a sua excellencia só faltava o fanatismo religioso para ser conservador do mais puro quilate, ignoravamos que o nobre deputado tinha tido a sua visão do terceiro reinado. Não conheciamos o discurso em que o sr. Figueira declarou que desejaria dotar largamente o orçamento dos cultos, para diffundir a instrução religiosa, e contrabalançar o estudo das sciencias naturaes que tudo tem pervertido.

Ora enfim! Temos um conservador.

Só falta que rectifique os seus ditos a respeito do duque de Saxe.

Um tico de reforma eleitoral

O sr. Rodrigo Silva, ministro da agricultura, como deputado e não como ministro, apresentou tambem a sua reforma alterando somente a lei eleitoral relativa á eleição de deputados provinciaes, cuja má composição é devida, disse s. ex. a defeitos da lei.

Não ha duvida; mas os defeitos da lei não affectam só as assembléas provinciaes, s. ex. o reconhece, mas tambem a camara dos deputados onde pullulam as mediocridades de campanario, os illustres desconhecidos, caudatarios inconscientes de todos os governos, os eunuchos, enfim.

Ora sr. Rodrigo Silva, pois v. ex. vae incommodar seus amigos com uma reforma tão insignificante, um tico que não será capaz de produzir os efeitos desejados? Uma medicação em dose homeopatica para experiencia e sob o titulo da moda ministerial — questão aberta! A reforma de s. ex. é mais obscura que qualquer dos illustres e dignissimos... São incompreensiveis estes homens. Só os srs. bispos os poderão comprehender.

As opiniões diocesanas

Este sr. de Cotegipe é dos diabos.

Sibem o que elle fez? Como a despeito do desaccordo em que s. ex. se manifestou com o sr. de Mamoré, o senado approvou o projecto acerca dos vigarios encomendados, s. ex. Cotegipe pediu a todos os bispos que lhe fizessem manifestações a respeito. E záz, tome manifestações para a frente. E eis os srs. bispos approvando o sr. presidente do conselho e contrariando o sr. de Mamoré! E o arcebispo da Bahia chega a dizer o que o sr. de Cotegipe quiz que elle fizesse: que se a lei sobre os vigarios for decretada, não será cumprida pelos bispos do Brasil. E tudo isso publicado no *Diario Official*.

Bem feito sr. Ambrosio (B. de Mamoré), bem feito! Quem lhe mandou ter opiniao? Não sabe que o ministro real d'este gabinete é o sr. de Cotegipe? Não sabe que s. ex. é o unico que tem cabeça, a cabeça unica que criou juizo? Afóra o sr. presidente do conselho, todos os demais srs. do executivo são sombras de ministros, são ficções. Quem lhe mandou não conhecer o seu lugar, sr. de Mamoré? Aprenda!

Interpellação

Sob a forma regimental o Sr. Affonso Penna interpellou ao governo sobre os motivos do adiamento das assembléas provinciaes da Bahia e Rio Grande do Sul.

Quem dos dois burões assignalados irá responder ao sr. deputado?

O ministro do imperio ou o ministro. estrangeiros?

Com certeza, o ministro dos estrangeiros, o verdadeiro dono da pasta do imperio e de todas as outras e o unico sabedor dos negocios publicos.

Crista cahida

Andam todos de crista cahida n'esta cidade e sitios a l'jacentes! Tudo jururú! Uma tristeza de perú com gosma. Olham todos uns para os outros, com uns olhos pisca-pisca, a lacrymar, como quem prevê a maior das catastrophes nacionaes.

— Está e continua doente o sr. Coelho Bastos.

Eleição senatorial de Minas

Por terem morrido grande numero de electores liberaes de Minas, a chapa conservadora vai levando a contraria de vencia.

Que caiporismo da sorte! A cruel parca escolher para sua ceifa somente electores liberaes, deixando incolumes e vigorosos os conservadores!

Os imperterritos liberaes mineiros fora de combate por tão implacável destino, como haviam de votarem seus amigos. Só assim os cascados fariam senador.

Já não existem muitos e muitos dos que deram ganho de causa na ultima eleição senatorial ao sr. Candido de Oliveira.

Só por uma força maior de tal ordem, o sr. Manoel José Soares vai ser um dos da lista triplice; — senão, não.

Pobres electores liberaes! Morrestes Quanta falta fazeis. Morrestes de morte macaca! A terra vos seja leve!

Os boatos de guerra

Falla-se muito de guerra.

A que se annuncia é contra a Republica Argentina. Este sestro do apollidar os visinhos de inimigos resente-se do atraso e carnicismo de idéas em que vivemos. Mas isto serve perfeitamente os designios e desejos do imperialismo: Procurar um derivativo ás aspirações nacionaes, bem como flumar o prestigio da soldadesca que é a primeira escora do throno. Nós temos tanto de americano como os Laponios de europeu. Creamos em todo caso fantasmas para termos o gosto de derrocal-os. A guerra favorece a ambição dos poderosos, que são os que nada arriscam e tudo lucram. As grâcuzas, nomeações, sinecuras recahem no circulo dos conhecidos e predilectos. O povo é que supporta as faxinas e marcha na vanguarda. E' muito facil acirrar a vella patriótica. Basta fazer circular boatos que ninguém desmente. Os mastins policiaes encarregam-se de qualquer serviço, por mais infame que seja. Os correspondentes de certas folhas, veteranas no embuste e na pilhagem, são os addidos das legações nos paizes estrangeiros e de lá cumprem religiosamente a senha de um governo composto de bachareis, advogados administrativos e chicanistas.

Venha a guerra. Além das erises sobreestantes, da lavoura, do commercio e das industrias, haverá hecatombes de vidas. Que bello espectáculo vamos offerecer ao mundo! Povos irmãos que se dilaceram. Proven ao menos que a provocação partio dos intitulados adversarios; que esgotaram-se os meios diplomaticos e suas orções; que a offensa ou affronta é provocada pelo inimigo e que não realisa os almejos de um odio inveterado; que, se formos levados a arrasar um segundo Paraguay, os nossos sentimentos repellem esse desenlace e que não se alberga em nossas consciencias nenhum instinto que nos equipare ao autocrata russo farejando novas Polonias nos povos enfraquecidos que o rodeiam.

Quando não seja por espirito de fraternidade, cumpre ter presente que doze milhões de individuos devem empregar longanimidade em face de tres milhões somente.

Esta é que é a verdadeira conducta a seguir-se. Deixem os bachareis tagarelar. Um senador houve que mostrou-se todo enfundado de ardor patriótico ao denunciar que os argentinos já não se limitavam a aggravar as tarifas dos generos procedentes do Brasil, mas ostentavam aprestos bellicos. E' caso de repetir-se o proloquio: procurador, tu não me enganas... E se fizermos excavações, talvez que acertemos em descobrir o fio da meada. Sem irmos mais longe, temos um exemplo na questão Waring Brothers...

14 de Julho

Com solemnidade esplendida, commemorou a colonia franceza d'esta capital o 98º anniversario da queda da Bastilha em Paris.

E' esta a data nacional da Republica Franceza, considerada o dia da liberdade da França, o dia da sua independencia. E' a data que todos os povos civilizados deviam commemorar, como se fóra um acontecimento historico de seu proprio paiz.

A revolução de 1789 não redimio somente a França, mas quasi toda a Europa dos grilhões do captivo do ab-olutismo monarchico e feudal, e animou as colonias da America, ainda submettidas ao jugo da Hespanha e Portugal, a quebral-os, constituindo-se em nações autonomas.

As monarchias temperadas, taes como existem hoje, foram um progresso, resultado das conquistas dos revolucionarios de 89; mas em face do adiantamento das ideas, dos conhecimentos modernos e das aspirações da humanidade, as monarchias actuaes são ainda outras tantas Bastilhas que os povos têm de derrocar para sobre ellas firmarem a sua verdadeira e completa liberdade.

No Brasil especialmente, o povo tem necessidade de metter com todo o esforço os hombros á demolição de sua Bastilha, que é o imperio, do imperio que é a monarchia, a realza.

Precisamos tambem ter o nosso 14 de Julho, tanto mais indispensavel, tanto mais urgente quanto a oligarchia e os feudos existem de facto em nosso paiz, e fazendo monopolio da vida e dos recursos nacionaes, deixam ao povo a unica condição possivel: a de escravos, de mendigos.

Abaixo a monarchia a Bastilha da America.

Juiz de Fora

N'esta importante cidade de Minas vae ser inaugurado em dia do proximo mez o Hospital de Caridade, levantado a esforços quasi exclusivos do Dr. Ernesto Braga, nosso distincto correligionario.

N'este empenho, digno do maior louvor, tem o esforçado republicano sido auxiliado pelos seus conterraneos e notadamente pelos seus correligionarios e pelo sympatico periodico *A Propaganda*, que tem a felicidade de viver em uma cidade, onde existem realmente republicanos dedicados, leaes e intransigentes.

A Epidemia da hexiga

Ha muito tempo que a população d'esta capital é affligida e victimada pela variola que a dizima espantosamente; mas o governo imperial, porque sempre é governo imperial, nenhuma providencia tem tomado para alliviar os soffrimentos do povo, e evitar a propagação do mal.

A epidemia tem-se propagado de modo assustador, tem povoado abundantemente os cemiterios, tem persistido e persiste, fazendo os maiores estragos, devido á incuria, á relaxação do governo e da sua inspectoría de hygiene. A tal ponto chegou tal relaxação, que a epidemia, tem augmentado sempre de forças, e não ha sequer logar onde collocarem-se, tratarem-se os doentes! Uma verdadeira lastima, uma miseria, uma vergonha.

O governo tem revelado a mais criminosa imprevidencia.

A hexiga assola a cidade do Rio de Janeiro e seus arrabaldes e o sr. ministro do imperio e sua repartição de saude comportam-se como se a saude publica nada soffresse.

Como os srs. ministros e membros da inspectoría de hygiene acreditam que a epidemia respeitará as suas dignas pessoas altamente collocadas, ss. exas. não se movem em favor do povo; ss. exas. passam muito bem, enchem muito bem suas barrigas, moram em bellas casas, cercados de todas as commodidades e recursos; não se lembram, portanto do seus deveres em face de uma situação anormal e critica da população fluminense.

O povo que attente bem para a solicitude com que o governo da monarchia acode aos seus soffrimentos.

Impostos e mais impostos, para saciar a voracidade dos politicantes de todas as categorias; eis em que os nossos governos são activos em exigir do povo.

Muito bem! muito bem!

A Côte

Fóra de toda duvida, ja sabe o publico que temos n'esta capital um novo jornal que se intitula *A Côte*? Certamente sabe como nós, pela noticia que deram os diarios d'esta cidade. Pois esse jornal, cuja publicação é *bimensual*, isto é de 2 em 2 mezes, chama-se *A Côte*, representante, portanto, da côte, queremos dizer, da gente do paço, de tudo que compõe a côte imperial, dos grandes e dos meudos fardados, agalaoados, encasacados, titulados e condecorados, dos quaes nos dá minuciosa relação em muitas paginas, o *Almanack* de Laemmert.

E o mais interessante, o engraçadissimo, é que toda essa gente illustre e reluzente, toda essa gente cortezã vae apparecer-nos no seu jornal *A Côte*, sob o aspecto critico, artistico, litterario e recreativo. Sabem porque? Porque está em vagatura, sua magestade não está presente; elles estão, portanto, ás moscas; e para divertir s. a. a regente e ao publico e encher o tempo, deliberaram representar todos esses papeis: critico, artistico, litterario e recreativo, e isto somente de 2 em 2 mezes. Antes fosse bi-diario, em lugar de bi-mensual. Ha quem pensa que devia ser trimensual como a Revista do Instituto Historico.

Enfim, melhor é que os senhores da côte deem para criticos, etc e tal, do que para atirar pedras. O Muclo ha de ser por força dos d' *A Côte*, visto que pertence á côte imperial.

Post Scriptum. — Ch'ga-nos n'este momento o periodico, ao qual acabamos de referir-nos, trazido pelo correio, e bem merece que façamos *amende honorable*, declarando que achamol-o muito digno de ser lido e um valente intador em favor do progresso. A que nos expõe a synonymia das cousas! Está feita a resalva e pedimos que n'la aceitem.

CLUB REPUBLICANO FLUMINENSE

Deve em breve ter lugar a instalação publica do mais esta aggregração democratica cujos estatutos damos á publicidade e bem assim a relação dos seus socios já inscriptos; a sua Directoria ficou composta dos seguintes cidadãos:

PRESIDENTE. — Quintino Bocayua.
VICE-PRESID. — Dr. Julio Borges Diniz.
1º SECRETARIO. — Fidelis Lemos.
2º " — A. de Faria.
THESOUREIRO. — Julio de Freitas.
COMISSÃO FISCAL. — Dr. Luiz Murat,
Dr. J. Ant. Per. de Magalhães Castro,
Dr. Alberto de Seixas Martins Torres,
Luiz Leitão,
Jacintho Pinto de Lima Junior.
SUPLENTES. — Dr. M. Timotheo da Costa,
João Antonio Gomes da Silva.

CIVILIZAÇÃO NACIONAL

Risar, borrar, sujar de qualquer modo, as paredes dos predios, quando caiadas ou pintadas de novo.

Humedecer todos os cantos e recantos da cidade, abandonando completamente os mictorios.

Quebrar o gradeamento das praças e dos templos e inutilisar os bancos e os arvoredos dos jardins publicos.

Furar com a bengala ou com a ponteira do guarda chuva a palhinha das cadeiras das estradas de ferros, barcas, etc.

Cortar com o canivete o marroquin das referidas cadeiras quando são de estôfo.

Esburacar as paredes, nos lugares em que ha pinturas bonitas, como adornos externos de certas casas de negocio.

Arrancar as plantas que embelleçam o gradeamento de jardins particulares.

Fazer das calçadas salas de conversação, para obrigar os transeuntes a procurarem o meio da rua.

Cuspir para a frente com força, embora faça-se alvo da casa ou da roupa do proximo.

Dar socos a torto e a direito, de modo a que todos se distraiam dos negocios em que andam nas ruas.

Tomar-se o bond, no banco em que se estiver a mesma postura e commodidade que em uma poltrona e em casa; sem se importar com o incommodo que isto possa causar aos outros.

Dirigir pilherias a qualquer mulher, na rua; acompanhá-la mesmo, sem attender á sua condição social.

Sacudir tapetes das grades dos sobra los para a rua.

SECÇÃO LITTERARIA

MAYAR

Aquelle que alli passa é um feliz. Dizem-n'o todos. Dizem é pensam-n'o. Entretanto se alguém pudesse de perto adivinhar os seus pensamentos e conhecer a sua vida, que poema de amarguras interminaveis, de soffrimentos sempre vivos, não leria em cada fibra de sua alma!

A aspiração, que é ainda menos que a esperança, eis tudo quanto encontraria n'aquella alma, já embaciada pelo halito de mil decepções.

Tudo n'elle se vai aos poucos fazendo em ruinas. As idéas nascem já queimadas pela descrença. As proprias esperanças, miseras florinhas, desabrocham geladas já.

Ha em tudo que é d'elle um pouco do frio dos tumulos.

E não ha destino! E tudo depende da vontade humana.

Pois se elle trabalha como os outros, se elle se dedica, quer, porque tudo lhe será adverso, porque encontra elle em cada cousa, em cada facto, em cada homem, no sol e nas estrellas, um inimigo?

Nasce d'aqui a superstição ou o scepticismo, as duas linhas de um angulo que tem por vertice a desgraça. Este é o ponto de encontro e é o ponto de partida.

D'aqui a inveja, o rancor mudo, encerrado dentro do coração como dentro de um carcere ardente.

Todos os outros homens têm sobre si uma particula d'esse odio immenso, occulto e grandiosamente covarde.

D'aqui as trevas. D'aqui o suicidio e o assassinato, o roubo e o incendio.

Cada facto d'estes é quasi sempre uma vingança. Vae grande distancia da vingança ao crime. A vingança é a paz. O crime é o medo. A vingança é o prazer. O crime é o remorso. A vingança é um castigo. E o crime é o crime. O mundo é como uma grande orchestra São precisos instrumentos diversos para produzir a harmonia — a alegria e a dôr, a felicidade e a desgraça, o riso e a lagrima.

Para este concerto immenso, universal e eterno, é preciso que muitos soffram, que tenham fome uns, que sejam cegos outros. E' necessario que haja a morte e a vida. São precisas todas as misérias e todas as desgraças para que seja completa a harmonia.

Mas, quem distribue os papeis d'este drama que ja dura ha trinta seculos?

Mas, porque negar-se o direito de revolta aos que tem a desgraça por destino?

E. ARITTA.

Mas... eu vi-te honrar, bella, esplendida, risonha, Depois de longa ausencia, após saudades cruas; Como a rosa da aurora, após noite melancolia, Eu vi, brilhar em tua fronte, as rosas faces tuas.

No s'io do esplendor que ao corpo teu reveste Como eu te contemplava e te adorei fervente! Viu do teu olhar angelico, celeste — Do meu amor orvalho e sol resplandecente.

Tu viste, Maria: o piano da tristiza, Ao verte, transformou-se, em risos de alegria; Cantou... eu corrigi, cantou a natureza E o canto apalhou — amor te repetia.

J. S.

MARIA

A FORÇA DO DESTINO

X

O INESPERADO

Quatro annos depois do encontro do tenente Lins e Juliana, cerca das 10 horas da manhã, a criada da viuva annuncia-lhe a presença de um official do exercito que desejava fallar-lhe.

— Official do exercito? Quem é?

— Não conheço, não, senhora; diz que é o sr. capitão Boacica.

— Capitão Boacica... Também não sei quem é; não conheço militar nenhum. Que me quererá?

— E' moço ou velho?

— Moço, bonito.

— Manda-o entrar; vou já.

Depois de ter ido ao toucador passar em revista a physionomia e o penteado, dirigio-se Juliana á sala para receber o visitante.

Mal appareceu ella, o official poz-se em pé, cumprimentou-a, encarando-a com ar prazenteiro e olhar penetrante como quem attenta o effeito que produz a sua presença e a recepção que vai ter.

Ella saudou-o igualmente á distancia, envolveu-o todo n'um olhar rapido, encarou-o por sua vez procurando reconhecer, fez esse movimento de emoção que se revela por uma forte aspiração de ar subitamente cortada pela surpresa ou pelo susto, e recuou um passo.

— Juliana! não me conheces! — disse-lhe o official approximando-se d'ella e segurando-lhe as mãos.

A viuva tinha diante de si um homem de cerca de 35 annos, de regular estatura, de physionomia bella, insinuante, rosto pequeno, ornado de bigodes finos e sedosos e cavaignac longo, cutis fina, tostada pelo sol, olhos pardos, vivos e cabellos castanhos, curtos. Estava correctamente fardado, com esmero e espada pendente do talim e trazia no peito uma insignia condecorativa.

A bizarra presença do official impressionava vivamente o espirito de Juliana; mas fazendo um esforço sobre si mesma e retirando suas mãos das do seu interlocutor, respondeu-lhe:

— Não senhor; não tenho a honra de conhecer o sr. capitão. Que deseja de mim V. S.

— Tens razão Juliana; mas, peço-te somente o favor de me ouvires alguns momentos; depois darás tua sentença...

— Sentença? Sr. capitão, queira desculpar-me; mas eu não sou juiz em causa alguma.

— Vais ser agora na minha causa, se quizeres fazer-me o obsequio de attender-me; não te roubarei muito tempo.

— Mas porque hei de ser eu e não outra pessoa o juiz que o sr. capitão procura?

— Porque estou certo de tua imparcialidade e tenho todo o interesse em que sejas tu o meu juiz.

— Verdade seja que V. S. falla-me com muita familiaridade, o que attribuo a defeito da militancia; mas V. S. engana-se, não me conhece; está confundido. Isto não é commigo, sr. capitão.

— Juliana, eu te supplico; põe de parte o teu ceremonial. Podes castigar-me com todo o rigor; mas faze-o com franqueza, abertamente depois de me ouvires, se julgaes que o mereço. Sabes quem sou, de prompto reconheceste-me.

— Sei que V. S. é o sr. capitão, porque vejo as suas divisas, e que é Boacica, porque fez-me a fineza de o declarar; mas, repito, não tenho a honra de conhecer o sr. capitão Boacica.

— Ah!... mas espera, saberás tudo já. E' verdade que deves guardar forte resentimento contra mim; talvez me odeies e me desprezes; talvez não te tenhas lembrado de mim, senão para maldizer-me. As apparencias condemnam-me, mas os factos explicados justificam-me.

— Justificam-lhe? retorquiu Juliana comprimindo um impeto, — não comprehendo, sr. capitão; não sei de que se trata.

— E' o que vou dizer-te.

— Mas... antes de tudo, como soube V. S. de minha residencia?

— Soube-o na provincia, do onde acabo de chegar. Fui obter noticias tuas nas Alagoas e Santa Luzia do Norte.

— Andou, então, a procurar-me na provincia? E' extraordinario! Estou alheia! Não comprehendo tanto interesse...

— Muito natural para quem não traz consigo o coração...

— Ah! ah! Caso nunca visto. Sem um pulmão, dizem os medicos ser possivel viver, assim como sem um olho; mas sem coração...

— Muito natural para quem foi separado de ti á força e por surpresa...

— Como?! exclama Juliana dando um salto. —... e obrigado a te não ver por tanto tempo, contra sua vontade.

— Separado de mim á força e por surpresa? Isto é um sonho de V. S. Não sei que historia é esta.

— Fui separado de ti á força e por surpresa; foi uma vingança do sr. tenente Lins.

— Oh!... de novo exclama Juliana, estrelecendo isto é novo para mim.

Juliana via não poder mais sustentar o seu papel. Diante da revelação que começava de fazer-se e que assás a interessava, ella sentia que a desarmavam.

— Ah!.. minha querida! Enquanto me julgavas um ingrato, um indigno, um miseravel; em quanto maldizias-me...

— Não, não. Nunca!

—... eu chorava por ver-me separado de ti, padecia misérias e tormentos incriveis.

— Oh, senhor! Isto me espanta. Não atino como taes cousas podiam succeder-se.

— Muito facilmente para quem nos quiz fazer victimas d'ellas. Em uma palavra, Juliana, eu desapareci da noite para o dia das Alagoas porque fui recrutado.

— Recrutado? Oh!... pois tu foste recrutado? E como nunca se soube? Como ficou isto em segredo. Oh! senhor! é muita maldade. Não houve ninguem que suspeitasse semelhante cousa.

— Mas, é verdade! Fui recrutado. N'isso teve parte, como já te disse o sr. tenente Lins. Foi um trama urdido por elle e seus amigos. D'esse modo elle vingou-se de mim e de ti.

— Com effeito! Nunca tal me occorreu!

(Continúa)

SEPARAR PARA UNIR

Onde estamos?

Silencio precursor de grandes acontecimentos reina em todas as provincias desde que o Gironde deixou a bethia do Rio de Janeiro, levando em seu bôjo o esqueleto da monarchia. Os tres partidos observam-se sem orientação, medindo suas forças e perguntando cada um a si proprio: quando e como principiará a luta suprema?

O governo da Regente vacilla, desconhecendo o terreno que pisa. Volta-se á direita, á esquerda; percorre com a vista a região celeste; pede inspirações á musa galhofeira e contempla um tanto receioso a immobildade de sua estrella polar.

A Regente, obrigada por interesse dynastico a deixar partir seu velho pae physica e moralmente desorientado, concentra-se em si propria, esperando do telegrapho qualquer noticia importante, scentelha de luz que a esclareça sobre o caminho a seguir.

As negras sotainas, por largos annos protectoras da instituição negra, agitam-se em varias provincias, libertam seus escravos e promovem geral emancipação em curto prazo: ao passo que o governo mostra-se escravidista decidido, embora sem coragem de matar a propaganda, nem de punir os que a favorecem, como o chefe de policia de Minas.

Os militares congregam-se politicamente e juram promover o casamento civil, a grande naturalisação, o federalismo e outras reformas.

E os representantes da nação calam-se.

E trévas espessas nos circumdam.

E o Gironde lá vae sulcando gravemente os mares, conscio de levar na sua real camara a bomba, cujo estouro ha de allumiá-los a todos.

Nós republicanos devemos marchar desembaraçadamente, adoptando o programma bem definido que os actuaes acontecimentos claramente indicam: — revolução, separação, federalismo.

Pela revolução alcançaremos a ordem.

Pela separação a liberdade.

Pelo federalismo a união.

Pensam, talvez muitos que uma nação é tanto mais poderosa, quanto mais vasto é seu territorio, maior sua população, mais concentrado seu governo, Raciocinemos.

A união faz a força. E' por este principio que as sociedades se formam, não o negamos; mas torna-se necessario que os membros de cada sociedade se approximem, se entendam afim de que as forças se comuniquem ao redor de um centro que as reuna.

Disseminada como está a população brasileira por vasto territorio; tendo á sua frente um governo, cuja conservação exige que se concentrem as forças pela divisão dos habitantes em grupos destacados, presos pela obediencia ao centro e separados uns dos outros para que não possam mutuamente se auxiliarem: os esforços individuaes perdem-se isolam-se, sem nunca poderem alcançar o fim desejado. N'este caso a união faz a força exclusivamente em beneficio do centro, que a monopolisa para seu engrandecimento.

Nictor (Lyzo).

(Continúa)

PROJECTO DE ESTATUTOS DO CLUB REPUBLICANO FLUMINENSE

DOS FINS DO CLUB

- Art. 1. A aggremação republicana denominada Club Republicano Fluminense: tem por fins:
- § 1. Auxiliar e desenvolver a propaganda das idéas democraticas na cidade e Provincia do Rio de Janeiro.
- § 2. Favorecer e obter a criação de núcleos com a mesma orientação na provincia.
- § 3. Promover o alistamento eleitoral dos seus membros e dos cidadãos conhecidamente adhesos aos principios democraticos.
- § 4. Estabelecer entre os seus socios a maior solidariedade possível, instituindo para isso a protecção mutua como um dever de cada um.
- § 5. Manter, quando possível, uma publicação destinada a servir á propaganda democratica.
- § 6. Coadjuvar sempre que lhe seja possível todas as outras aggremações democratico-republicanas.

DOS SOCIOS, SEUS DEVERES E DIREITOS

- Art. 2. Constituem deveres para os seus socios:
- § 1. Contribuir com uma mensalidade de 2\$000 e um donativo que ficará á sua generosidade.
- § 2. Observar e respeitar as determinações tomadas pelo Club e pelo partido republicano.
- § 3. Concorrer directa ou indirectamente para as publicações que por ventura faça o Club.
- § 4. Votar, ser votado e servir nas comissões ou cargos para que tenha sido eleito ou nomeado.
- § 5. Praticar toda a fraternidade possível para com seus consocios e correligionarios.
- § 6. Comparecer ás suas reuniões.
- Art. 3. Constituem seus direitos:
- § 1. Discutir e julgar os assumptos sujeitos á deliberação do Club.
- § 2. Utilizar-se das diversões que proporcione o Club.
- § 3. Propor e indicar, segundo os tramites legais, as medidas que julgar convenientes para o desenvolvimento do Club e da propaganda democratica.
- § 4. Ser julgado por seus pares, no caso de suspensão ou eliminação em que haja incorrido e lhe tenha sido ordenado pela Directoria.
- Art. 4. Os socios residentes fóra da Côrte, poderão fazer-se representar nas decisões do Club.
- Art. 5. Será porém n'este caso necessario que o seu procurador seja socio do Club.
- Art. 6. Somente poderá ser socio effectivo do Club, o cidadão fluminense republicano e que acceite as doutrinas do manifesto de 3 de Dezembro de 1870.
- Art. 7. Sempre que 15 socios quites o requeiram deverá a Directoria convocar o Club em Assembléa Geral.

DAS REUNIÕES DO CLUB

- Art. 8. As reuniões do Club serão de duas naturezas: Assembléas Geraes e sessões deliberativas.
- Art. 9. As Assembléas Geraes versarão exclusivamente sobre materia administrativa e serão ordinarias e extraordinarias.
- Art. 10. As Assembléas Geraes ordinarias terão lugar no fim de cada anno social e n'ellas serão lidos e submettidos a julgamento o relatório dos trabalhos do Club e o balanço e contas da Thesouraria.

- § 1. Para exame d'esses documentos e actos a Assembléa Geral nomeará uma comissão de tres membros que deverá formular seu parecer.
- § 2. A duração de cada periodo administrativo será contado de Julho a Junho.
- § 3. A primeira Assembléa Geral ordinaria deverá ter lugar nos primeiros dias do mez de Julho e n'ella deverá ser nomeada a comissão de exame.
- Art. 11. As Assembléas Geraes extraordinarias serão as que fóra d'esse periodo necessite a Directoria convocar para negocio urgente.
- Art. 12. As sessões deliberativas serão quinzenaes e terão como objectivo tudo o que interesse á propaganda democratica.
- Art. 13. O numero necessario para as deliberações das Assembléas Geraes será o de um terço dos socios quites na occasião da convocação.
- Art. 14. Em 2.ª convocação as Assembléas Geraes funcionarão com qualquer numero.
- Art. 15. As deliberativas (sessões) funcionarão com qualquer numero.
- Art. 16. Todas as deliberações do Club serão tomadas por maioria de votos.
- Art. 17. Só poderão tomar parte nas Assembléas Geraes os socios quites da mensalidade relativa ao mez em que for feita a convocação.

DA ADMINISTRAÇÃO DO CLUB

- Art. 18. A administração do Club será confiada a uma Directoria que se comporá de um presidente, um vice-presidente, dois secretarios, um thesoureiro e uma comissão fiscal de cinco membros.
- Art. 19. Os deveres dos funcionarios da Directoria, inclusive a comissão fiscal, serão determinados no regulamento interno, que regulará também a ordem a observar nas reuniões do club e a penalidade pelas infracções dos presentes estatutos.
- Art. 20. A Admissão de socios só poderá ser feita por proposta, a qual será entregue á comissão fiscal a qual syndicará e resolverá.
- Art. 21. A comissão fiscal não poderá reter por mais de 15 dias qualquer proposta sem resolução.
- Art. 22. As resoluções da comissão fiscal não terão appellação.
- Art. 23. As comissões de representação do Club serão nomeadas pelo presidente.

DISPOSIÇÕES GERAES

- Art. 24. O Club, terá quando possível, um salão onde haverá as diversões que julgue a Directoria necessarias.
- Art. 25. Serão eliminados os socios que durante 6 mezes deixarem de pagar suas mensalidades; exceptuar-se-hão porém d'essa pena os que por ausencia fôrçada de seu domicilio ou falta de meios temporaria o não possam fazer.
- Art. 26. Para adquirirem as imunidades do artigo precedente deverão os interessados fazer comunicação por escripto á comissão fiscal, que resolverá e comunicará á Directoria.
- Art. 27. Todas as lacunas dos presentes estatutos poderão ser preenchidas no regulamento interno.
- Art. 28. O regulamento interno, e bem assim todas as modificações e ampliações do mesmo, deverão ser julgados por Assembléa Geral.

ANNUNCIOS

BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças de theatro que mais voga tem feito nos theatros da Côrte e Provincias, editadas pela livraria Serafim

73 — Rua Sete de Setembro — 73
RIO DE JANEIRO

DRAMAS, OPERAS, COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO

Peças de Arthur Azevedo

Falica, opera burlesca	1\$000
A princeza dos Cajueros	1\$000
Abel, Helena	1\$000
A filha de Mari	1\$000
A casadinha do fisco	1\$000
Jerusalem libertada	1\$000
Por um triz coronel, proverbio em 3 actos	\$500
Amor por annexins	\$500
Uma vespera de Reis	\$500

Eduardo Garrido

Baccacio	1\$500
Viagem á lua	1\$000
O joven Telamaco	1\$000
A Micoite	1\$000
Os sinos de Corneville	1\$000
Sonhos d'ouro, peça fantastica em 3 actos	1\$000
Os Trinta Botões	\$500
Por um triz	\$500
Quasi que se pegam	\$500
Um alho	\$200
O meu amigo banana	\$200
A bengala	\$200

Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Pires Ferreira	1\$000
As duas orphãs, celebre e importante drama em 5 actos	1\$000
Aimée ou o assassino por amor, bello drama	1\$000
A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas	1\$000
A morgadinha de Val-flôr, pelo mesmo	1\$000
Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antonio Ennes	1\$000

Comedias, com e sem damas

Antes do Baile, comedia em 1 acto	\$500
Judas em Sabbado d'Aleuia, e leve comedia de costumes nacionaes por Penna	\$500
Os dois ou o inglez machinista, pelo mesmo	\$500
A Morte do Galo	\$500
Quasi ministro	\$500
A joia das joias	\$500
Um diabrete de 16 annos	\$500
Um idioma	\$500
Uma prima e tres bordões	\$500
Um quarto com duas camas	\$500
Os magos e o bispo	\$500
Club Godipau	\$500
Dous atraz de um	\$500
Beata de mantilha	\$500
Bolsa e cachimbo	\$500
Um marido victima das modas	\$500
Uma criada impagavel	\$500
Ciumes de um velho	\$500
Resonar sem dormir	\$500
Por um triz	\$500
A ordem é resonar	\$500
O diabo a quatro n'uma hospellaria	\$500
Uma experiencia	\$500
Os dois candidatos	\$500
A carta do Manuel	\$500
FFFF e RRRR	\$500
Baptismo e casamento	\$500
Architecto das moças	\$500
Tribulações d'um estudante	\$500
Quasi que se pegam	\$500
As saiz nas calças e as calças nas saiz	\$500
213 por 225	\$500
A monomania	\$500
Um quadro de casados	\$500
Uma scena no sertão de Minas	\$500
O diabo atraz da porta	\$500
Scenas na Foz	\$500
Dous criados felizes	\$500
Enviado de Roma	\$500
Embrulhada familiar	\$500
Fabia	\$500
A morte de Catimbão	\$500
Falta de miudos	\$500
Gravata branca	\$500
Mania franco-prussiana	\$500
Matei o Chim	\$500
Nova Castro	\$500
Nas horas das consultas	\$500
A saia balão	\$500
Veterano da independencia	\$500
Art, patria e caridade	\$500
Os deuses de casaca	\$500
Os dois amores	\$500
Dois fingidos	\$500

Outras peças de theatro

Geraldo sem pavor, ou a tomada de Evora, drama historico e raro	3\$000
O homem da mascara negra	1\$000
29 ou honra e gloria	1\$000
Os dois renegados	1\$000
A viuva das camelias	1\$500
Amores de Roberto	1\$000
O avarento	1\$000
Alonso e Cora	\$500
Os inimos	1\$000
Escravo fiel	1\$000
Britanico	1\$000
Os bandidos, traducção do Dr. Mello Pimenta	1\$000

Typ. d'A DEMOCRACIA.